

## **POR UM APRENDIZADO PARA A MORTE E O MORRER: AS IGREJAS PROTESTANTES E A PREPARAÇÃO PARA A MORTE.**

*Jailza Silva Santos Magalhães<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

A morte, na perspectiva cristã, em especial para os protestantes históricos é o “destino universal dos homens.” (SCHMITT, 1988. p.729). Para o cristianismo, somente Deus é vivo e imortal, e a morte humana é consequência da desobediência do homem a este Deus. Então, segundo Schmitt a morte é uma força maligna e inimiga de Deus, que foi submetida ao poder do diabo. Isto faz da morte uma condenação, uma punição pela desobediência do homem. As religiões segundo Usarki (2006) cumprem “funções individuais e sociais”. Isto é, elas trazem sentido à vida de indivíduos, alimentando-os de esperança para o futuro, como também legitimam e estabilizam sociedades. As religiões têm ainda como função integrar socialmente as pessoas. A morte, como elemento religioso passa a ser um elemento de esperança e fator integrador de grupos. No pensar de Kübler-Ross (2000), em seus escritos “Sobre a morte e o morrer”, afirma que “Se não podemos negar a morte, pelo menos podemos tentar dominá-la”. Essa dominação perpassa pelo fato de estar em busca de uma “educação para a morte” (MARQUES, 2013). A partir dessas questões abordadas por estas duas autoras e outros que tratam da temática a “Morte e o Morrer”, surgem questionamentos, como: Os fiéis em igrejas protestantes históricas tem buscado esse aprendizado? Se afirmativo, através de que forma? Se negativo por que não se trata do assunto pedagogicamente? E mais ainda, como a morte têm sido encarada ou tratada como elemento pedagógico nas igrejas protestantes históricas?

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Morte; Protestantismo Histórico; Pedagogia da Morte;

### **INTRODUÇÃO**

Pensar a morte não é algo muito agradável para a sociedade brasileira de modo geral. Ela é sempre vista como algo não agradável. As pessoas de

---

<sup>1</sup> Assistente Social - Mestra em Ciências da Religião. Email: [jailzamazalhães@gmail.com](mailto:jailzamazalhães@gmail.com)

algum modo não desejam conversar sobre a morte nem mesmo pensar como se deve enfrentá-la.

A morte em si, pode ser considerada por aspecto fisiológico, ou aspectos teológicos, pode se esperar ou mesmo necessitar de cuidados até o momento da morte ou mesmo ser pego de surpresa. Há casos que ela se apresenta antes mesmo de se nascer. Mas uma certeza é óbvia: todos um dia serão acometidos da morte. Quando a morte ocorre de forma inesperada, geralmente causa um grande impacto no âmbito familiar.

Existem ainda outras questões, que envolvem a morte e que as pessoas por não desejarem discutir, ou melhor, se preparar para tal, acaba se surpreendendo, que são: testamentos, questões de seguro, ou acertos financeiros adquiridos enquanto vivo. Estas são questões pertinentes que de alguma forma demonstram a não preparação ou melhor “a educação para a morte e o morrer.”

Partindo destes pressupostos, há diversas formas de se estudar a morte: seja no aspecto sociocultural, na religiosidade de comunidades, para que haja uma pedagogia da morte. Mas, será que existe um ensinamento para a morte ou quem sabe, uma preparação para a morte? Há uma pedagogia para a morte? Autores que têm estudado sobre esse tema mostram alguns aspectos preponderantes no que diz respeito a ensinamentos e ou até quem sabe uma suposta preparação para a morte ou o morrer. Kübler-Ross (2000, p. 121) diz: “não está na natureza humana aceitar a morte sem deixar uma porta aberta para uma esperança qualquer”.

As religiões abordam a morte de variadas maneiras, o cristianismo de forma específica, traz na sua concepção geral o elemento da morte. Esta religião surge na humanidade com um projeto civilizatório, e traz consigo um discurso inovador. A crença em um Messias que ressuscitou dentre os mortos passa a ser o elemento diferencial de um novo modo de fazer religião. Esta perspectiva de vencer a morte, de superar o desconhecido, apontando para uma vida com um grau de satisfação superior a atual fez do cristianismo uma religião universal.

O cristianismo e suas mais variadas vertentes têm em comum o discurso da esperança na ressurreição dos mortos e a promessa de uma vida eterna. A partir do Século XVI, com a Reforma Protestante, a visão de estar no paraíso passa por mudanças no que se refere ao trilhar deste caminho. A salvação, expressão cristã que se refere a libertação da vida distante do Deus Criador e o resgate por este Deus do ser humano, possibilitando o ingresso na vida eterna, passa a ser não uma determinação de uma instituição, mas um ato de escolha fundamentado na experiência de cada indivíduo.

Esta mudança de foco faz que esta nova vertente do cristianismo, o protestantismo, alcance inúmeros adeptos. Chegando ao Brasil em meados do Século XIX.

Este trabalho se propõe a estudar a perspectiva de morte no protestantismo brasileiro, em específico a preparação para a morte e o morrer; aquilo que será chamado neste texto de pedagogia da morte (MARQUES, 2013). E também apontar a dificuldade dos protestantes, mesmo crendo na ressurreição dos mortos e no paraíso celestial, em estabelecer uma preparação dialogada sobre a temática.

O texto é apresentado a partir de uma revisão bibliográfica e de pesquisa realizada em 2013 com 15 idosos, entre homens e mulheres com mais de dez anos de vida cristã protestante. Foram feitas entrevistas semiestruturadas e conversas informais em que a questão de uma pedagogia da morte foi abordada.

## **A MORTE NO CRISTIANISMO**

As religiões segundo Usarski (2006, p. 125), cumprem “funções individuais e sociais”. Isto é, elas trazem sentido à vida de indivíduos, alimentando-os de esperança para o futuro como também legitimam e estabilizam sociedades. As religiões tem segundo Usarski (2006) uma função de integrar socialmente pessoas. A morte neste contexto de religião passa ser elemento de esperança e fator integrador de grupos.

Souto e Magalhães Filho (2014, p.3) ao se referir a o modo como as religiões abordam a morte afirmam:

Malinowski (1984, p. 50) afirma que “de todas as fontes de religião, a crise suprema é o final da vida – a morte – reveste-se da maior importância”. Embora a morte corresponda à ideia de fim da vida, que sucumbe os órgãos vitais do corpo, é na cultura que se encontram as tentativas de explicação para o fato inevitável que todos passarão, e que marca o limite entre o mundo vivido e experimentado e o outro mundo, o do desconhecido. Diante do desconhecido o homem elabora um mundo habitado por espíritos, pelos não vivos e pelo o que, em oposição à vida, forma o lugar do sagrado.

Giacoa Júnior (2005, p. 14) descreve como a morte é percebida:

[...] a morte é vista, antes de tudo, como transpasse, travessia, ultrapassagem de fronteira, de modo que os cerimoniais fúnebres e as diferentes formas de edificações, inscrições funerárias, toda a ideologia presente nas representações pictóricas e esculturais da morte - ainda que variando de acordo com o enquadramento cultural distinto em que se inscrevem na história dos povos -, assumem a mesma função social de partes integrantes de rituais de passagem.

A variação religiosa determina as possibilidades do que vem pós-morte e conduz o comportamento cultural de enfrentamento do caos, de acordo com as cosmovisões construídas: como paraíso, viagem, destinos dos eleitos, reencarnados ou presos ao purgatório, num sentido ou noutro, são conduzidos pelos ritos funerais, o encaminhamento do morto. Estes, por sua vez, apresentam, a depender das orientações religiosas, práticas culturais que representam alegria ou sofrimento intenso.

Morte, na perspectiva cristã (em especial para os protestantes) é o “destino universal dos homens. Todos os homens devem morrer” (SCHMITT, 1988. p. 729). Para o cristianismo, somente Deus é vivo e imortal, e a morte humana é consequência da desobediência do homem a este Deus. Desta forma então os cristãos, baseada em sua fé em que há vida pós-morte e que a morte é o castigo de Deus pelo pecado original (desobediência a ordens da divindade) do homem lá na criação. Segundo o texto sagrado do cristianismo, Deus disse a humanidade: “De toda árvore do jardim comerás livremente, mas

da árvore do conhecimento de bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás”<sup>2</sup> (BIBLIA SAGRADA, 2011, p. 4)

Ainda com base nas Escrituras o cristianismo crê que a morte entrou na vida da humanidade a partir da desobediência ao Deus Criador, e que o resultado dessa desobediência foi justamente a morte e eterna; porém, também através da fé o cristão crê em um Salvador que redime a humanidade do pecado original praticado pelos pais da humanidade lá no jardim do Éden. Por esta crença, apenas o Criador através de seu único filho traz de volta para a vida, isto para aqueles que nele creem. Assim é relatado nos escritos cristãos da seguinte forma:

Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. [...] porque se pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus afirmam o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos. [...] Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo. [...] Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça, a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.<sup>3</sup> (BIBLIA SAGRADA, 2011, p. 1040)

Porém, mesmo os cristãos tendo a sua fé firmada em um Salvador, que veio para redimir e salvar da morte eterna existe um temor ao se referir ao termo *morte*. Talvez esta venha expressar de forma clara a separação, seja do corpo e da alma, seja separação de um ente querido: pessoa amada, filho, marido, esposa, amigo, ou quem quer que seja; é uma separação da qual não irá se esquecer mesmo que já não esteja no convívio do cotidiano. E isso tudo, produz certa insegurança: o medo da morte.

Nas entrevistas realizadas, algumas respostas apontaram para esta relação com o desconhecido. Uma entrevistada (senhora de 83 anos) afirmou não ter medo da morte, embora não saiba definir ao certo o que é este estado,

---

<sup>2</sup> Genesis 2, 16-17

<sup>3</sup> Romanos 5, 12,18, 19, 21

também mostra o desejo de permanecer com os seus em vez de ir para a glória, mas, com a ressalva de que “se não ficasse velha, ou melhor, doente, sem condições de cuidar de se próprio e dependendo dos outros preferiria continuar vivendo aqui sem ter que morrer”, mas como não há essa possibilidade ele prefere ir para glória<sup>4</sup> que lá viverá melhor. Há um receio do desconhecido, mas como não haverá outra solução, ela deixa transparecer o ensinamento cristão de que uma vida existirá após esta existência. Este é um modo de estabelecer certo subterfúgio em relação ao medo do desconhecido. Afirmar que há uma *vida* depois da *morte*.

Já uma senhora com 75 anos, nascida em uma família protestante, sente muita tristeza ao pensar na morte, pois ela se lembra dos que já foram e se pudesse escolher ela não morreria, ficaria com os seus, e até hoje sofre a morte da mãe e do marido.

Estas contradições sobre o desejo de ir para a eternidade estar com o Criador, e de permanecer com os familiares e amigos é uma constante. A ausência de ensinamento concreto nas comunidades tem deixado a reflexão sobre a morte para o campo da subjetividade. Da fé individual, da prática religiosa de cada um. As falas revelam em alguns dos entrevistados, principalmente dos que têm uma escolaridade maior, um discurso mais racional, fugindo muitas vezes do relato de suas experiências e expectativas, e transferindo para os textos bíblicos suas respostas. Expressões como: “a Bíblia afirma!”, “Vou citar a Bíblia”, revela a fuga da própria reflexão, o medo de vivenciar realidades.

Na conversa com um senhor de 86 anos, foi por ele dito que a igreja conscientiza de que a morte é uma passagem de um estado para outro melhor. E isso o conforta. Não tem medo da morte, mas não gostaria de morrer agora. “A morte segundo a Bíblia é a passagem dessa vida para outra vida melhor, a eternidade”. Escolheria ficar aqui com os seus, se não acontecesse ficar velho acabar tudo, se pudesse viver a vida normal. “Viver uma vida vegetando não é vida, mil vezes morrer”.

---

<sup>4</sup> Expressão usada entre os cristãos protestantes para se referir a vida pós-morte na presença do Deus cristão.

O medo é algo que está inserido na própria existência humana, desde o “homem primitivo ao civilizado” (CHIAVENNATO, 1998. p.14). Referindo-se ao povo hebreu, do qual o cristianismo é culturalmente herdeiro, Chiavennato (1998) faz referência a Moisés (Êxodo 20,4-7) que ao receber as tabuas da lei, segundo a narrativa bíblica, ele fez o povo presenciar trovões e relâmpagos; o que os levou a temer serem mortos pelo Deus que estava a falar entregando os dez mandamentos para eles. Para Chiavenato (1998, p. 15-16) “mudaram-se as formas de temer a morte, mas não acabou o temor da morte. [...] E esse temor é comum nas sociedades impregnadas de conceitos religiosos, nos quais existe a ideia da imortalidade. Quanto mais religiosos, maior o medo”.

Para Chiavenato (1998), alguns autores, como Freud, por exemplo, tratam do assunto e apontam a religião como certo tipo de consolo, de compensação: “se para Freud a religião é uma compensação, fortalecida a partir de um falso conceito da morte, para Marx ela é uma fuga” (CHIAVENATO, 1998, p.91). Ou seja, para Marx e Freud a religião é alienante e é uma forma de se fugir. Receio de se tratar a morte como ela é.

Feuerbach (apud CHIAVENATO, 1998, p.92): “A morte é um fantasma, uma quimera, pois só existe quando não existe”, é uma ilusão inventada pela raça humana. O que existe é vida e o fim da vida.

Também Sêneca (apud CHIAVENATO, 1998, p. 86-87) é tão importante aprender a viver como a morrer “[...] Deve-se aprender a viver por toda a vida, e, por mais que tu talvez te espantes, a vida toda é um aprender a morrer [...] Vive mal quem não sabe morrer bem”.

Para ele o homem vive mal, pois não sabe que é através da vida que se aprende a morrer. As pessoas têm uma tendência a não se falar no assunto, talvez por ser um mistério sem saber ao certo o que realmente é a morte, em um contexto onde se valoriza em demasia o viver. Entretanto, segundo Chiavenato (1998) é através da morte que se tem vida. “Só sabemos sobre a morte o que aprendemos na vida, ou seja, é preciso viver para entender a morte. Quanto mais rica for a experiência de vida, mais saberemos.

E, quanto mais soubermos sobre a morte, melhor entenderemos a vida”. (CHIAVENATO, 1998, p. 86).

### **FUNÇÃO INTEGRADORA DA RELIGIÃO**

Embora alguns filósofos afirmarem que a religião é uma forma de condicionar (CHIAVENATO, 1998), de consolar, e até justificar o medo da morte, a religião no seu propósito em geral, surge a partir da capacidade humana em possuir uma religiosidade, que é inerente ao ser, o homem e mulher enquanto seres pensantes e que têm sentimentos desejos e vontades, tem em si próprio essa religiosidade. Isso leva cada ser humano, cada grupo social criar dentro de suas próprias necessidades uma religião que lhe dê respostas as suas inquietações no que diz respeito a todas as questões da vida, também da morte e ao sobrenatural.

Autores diferem religiosidade, de religião. Para Simmel, a primeira precede à segunda, e está diretamente ligada à experiência humana. A segunda tem a ver com o elemento histórico, organizacional “[...] não é a religião que cria a religiosidade, mas a religiosidade que cria a religião.” (SIMMEL apud CIPRIANI, 2007, p.121). A religião é um fator motivador da existência humana.

Partindo destes pressupostos, pode-se dizer que a religiosidade de uma pessoa o levará a ligar-se a uma religião. E esta lhe proporcionará de alguma forma momentos de bem estar e uma melhor convivência social, bem como a busca de experiências que lhes dê suporte para enfrentar as diversidades da vida, bem como da morte. Pois, segundo Philippe Ariès, (apud CHIAVENATO, 1998, p. 36) “o pretexto para uma meditação metafísica sobre a fragilidade da vida [...] A morte é apenas um meio de viver melhor”. A religiosidade, juntamente com a religião, auxiliarão então mulher e homem, na caminhada da vida uma preparação para poder encontrar-se com o criador.

O cristianismo cumpre esta função de integralização da religião, quando agrega pessoas que passam a viver experiências semelhantes e projetarem esperanças comuns. No que se refere a vida pós-morte, diz Souto e Magalhães

Filho (2014, p. 9) que: “O discurso religioso, durante o rito de morte no cristianismo, além de servir de consolo, é o momento de uma *chamada à vida*”.

Essa é numa perspectiva cristã, é uma forma de enfrentar a morte em que é percebida como castigo por um pecado original, como já observado acima. Este enfrentamento vem se mostrar como uma forma esperançosa de um encontro com o criador, pois Deus, ao criar homem e mulher, os criou para que eles pudessem viver para sempre, segundo o pensar do cristianismo. Se a morte os separa, o mesmo Criador possibilitou que homem e mulher pudesse ter esperança de um dia voltar a presença dele, tendo a morte do físico, mas, com a esperança de ter a vida eterna, vida espiritual com o Criador.

A morte então será vista, ou melhor, deveria ser percebida, sentida, esperada pelos cristãos como uma forma de encontro, algo bom de esperar. Mas será esta a realidade? “[...] Quanto mais religioso, maior o medo” afirma Chiavenato (1998, p.16), o que revela que a fé em algum momento é questionada devido ao medo do desconhecido.

Ao se negar ou fugir do assunto morte, percebe-se esse medo, está presente no ser humano de um modo geral, talvez pelo mistério que envolve ou por não buscar um conhecimento maior do viver e do morrer, como se percebeu nas entrevistas realizadas.

## **UMA PEDAGOGIA DA MORTE**

O não aceitar a ideia de que a vida e a morte estão juntas e uma faz parte da outra, todos tem a consciência de que o ser humano tem um ciclo natural, que é: o nascer, o viver, e o morrer, esta é uma realidade que deve ser explorada no seu sentido mais amplo, tanto no que diz respeito à praticidade do entendimento, quanto à subjetividade desta realidade, a todo o ser pensante. Ou seja: mulher e homem, que esteja no seu estado vital de consciência das coisas que o cercam, possam no próprio viver, e no viver do outro, procurar buscar na vida respostas para a morte, independente da sua religião.

É na religiosidade presente na prática religiosa que se encontrará a referência para se posicionar da vida e também na morte. Desta forma então a religião tomará a posição de elemento integrador, onde possibilitará a aceitação da morte, enquanto parte da própria vida.

É na convicção de que há vida pós-morte, adquirida pelos ensinamentos religiosos, que os adeptos das religiões se unem em uma fé neste dogma, juntamente com os preceitos também passados pelos ancestrais e historiadores é que há uma ligação do passado com o presente. No dizer de Chiavennato (1998. p.97) “[...] Ao viver em uma civilização judeu-cristã estamos submetidos a valores religiosos impostos durante séculos”. Há um lamento quanto ao morto, mas o cristão crê que Jesus é a ressurreição e a vida: “Afirmou Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, nunca morrerá<sup>5</sup> (BIBLIA SAGRADA 2011, p. 1081).

Vida eterna no cristianismo, não só significa a duração sem fim, mas plenitude da salvação que ainda deve revelar-se. Por isso, também chamada vida futura. Para o cristão a vida eterna já é uma realidade presente, ainda que esteja oculta em Cristo. (SCHMITT, 1988, p. 1146)

Um dos espaços em que há um ensinamento sobre a morte entre os protestantes, sem causar constrangimentos aos fiéis, são as cerimônias fúnebres. Souto e Magalhães Filho (2014) ao tratar dos ritos fúnebres entre católicos e protestantes, demonstram que o discurso protestante está baseado no consolo, mas também em certo preparo para a morte, no que se refere à preocupação com sua existência eterna. Essa convicção de vida eterna é característica de uma religiosidade que vai buscar na religião esse consolo.

[...] a preocupação dos cristãos evangélicos não está no futuro dos que já partiram, mas no futuro dos que ficaram, levando o clérigo a reproduzir o discurso religioso que procura convencer quem o ouve, a nesta vida viver de acordo com os mandamentos de Deus, pois no futuro, todos estarão naquela mesma situação, e só as crenças em Jesus pode conduzi-los para um amanhã certo e feliz: a Glória de Deus. (SOUTO; MAGALHÃES FILHO, 2014. p. 13).

## CONCLUSÃO

---

<sup>5</sup> João 11,25

O cristianismo é uma religião de esperança. Seu discurso fundamenta-se na ressurreição e na vida eterna daqueles que se entregaram a Jesus Cristo pela fé. A vida na presença gloriosa do Deus Soberano.

Este discurso, por mais que seja presente na doutrina do cristianismo protestante, não faz parte do cotidiano das igrejas contemporâneas. Pois a própria expectativa de vida dos idosos, tem colocado os mesmos num patamar de existência que os distanciam do pensar a morte. O desejo de viver, e as oportunidades que se têm no presente são superiores a reflexão sobre a morte.

Mas como o fim da existência é algo real, como afirmado por muitos dos entrevistados: “não se pode fugir da morte”, a aproximação da mesma devido ao avanço da idade faz necessariamente pensar nesta realidade.

O grande receio dos entrevistados é a incapacidade de viver, o medo não é da morte, mas da velhice, da doença, do peso que poderá ser para outros. No que se refere aos homens, o medo de não ver seus filhos e netos estabilizados na vida. Isto demonstra que a igreja cristã protestante tem discurso, doutrina, fundamento para consolar sobre a questão da morte. Entretanto ainda não se preparou para enfrentar a realidade da morte em suas comunidades. Falta uma pedagogia da morte.

Daí a questão: como as comunidades religiosas discutem esta questão? Percebe-se que no discurso do consolo o que se realmente trata é em vida pós-morte. E, de que forma se tem discutido esse tema *morte* e o *morrer*? Nas instituições religiosas costuma-se falar muito sobre a vida, entretanto, a vida não está ligada a morte.

Chega a ser um tanto contraditório, enquanto nas igrejas se fala e se divulga a crença na vida eterna, e quando se fala em morte é no sentido de arrependimento de seus pecados (erros) buscando apenas que o indivíduo reconheça um salvador de sua alma. Mas nunca como uma preparação, um estudo mais concreto do morrer.

As pessoas evitam falar em sua morte e de como será sua trajetória fúnebre. Quando muito, compram seus túmulos, com a expectativa de não ser enterrado em qualquer lugar. Enquanto outros procuram deixar tudo resolvido

em testamento dividindo seus bens. Mas, de um modo geral, mesmo tendo a convicção de que existe vida após morte, não existe uma pedagogia para a morte e o morrer, onde as pessoas discutam os processos que envolvem a morte e o morrer, independentemente de estar em um estado terminal de alguma doença ou não. Talvez, é como se o não falar fosse uma forma de afastar a morte de si próprio, ou quem sabe protelar um pouco mais esse momento.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rev. At. 2ª. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

CIPRIANI, Roberto. **Manual de sociologia da religião**. São Paulo: Paulus, 2007.

GIACOAIA JUNIOR, Oswaldo. A visão da morte ao longo do tempo. **Medicina**, v. 38, p. 13-19, Ribeirão Preto, 2005, Disponível em: <[http://issuu.com/cuidardeidosos/docs/a\\_visao\\_da\\_morte\\_ao\\_longo\\_do\\_tempo/2](http://issuu.com/cuidardeidosos/docs/a_visao_da_morte_ao_longo_do_tempo/2)> Acesso em 01 de jul. 2014.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 8. Ed.. Martins Fontes, São Paulo, 2000.

MARQUES, Patrícia Regina Moreira. **Pedagogia da Morte**: a importância da educação sobre o luto nas escolas. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

SCHIMITT, E. Morte. In: BAUER, Johannes B. (org.). **Dicionário de Teologia Bíblica**. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1988. p. 729-733. v. 2.

SOUTO, Enedina Maria Soares; MAGALHÃES FILHO, José Rômulo de. Descanso eterno, dai-nos senhor: ritos de morte e discursos entre os cristãos católicos romanos e protestantes. In: MOREIRA, Alberto Da Silva et. all. (orgs.). **ANAIS GT22...** VII Congresso Internacional Em Ciências da Religião: A Religião Entre o Espetáculo e a Intimidade – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Goiânia, PUC-GO, 2014, p. 3-14. Disponível em: <[http://www.pucgoias.edu.br/w4567ucg/eventos/Congresso\\_Ciencias\\_Religio/V\\_Congresso\\_Ciencias\\_Religio/ArquivosUpload/1/file/AnaisGT22.pdf](http://www.pucgoias.edu.br/w4567ucg/eventos/Congresso_Ciencias_Religio/V_Congresso_Ciencias_Religio/ArquivosUpload/1/file/AnaisGT22.pdf)>. Acesso em 02 de jul. 2014.

USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião**: cinco ensaios e prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção Repensando a Religião)